

ESPELHO MEU:

aplicação da escala de Rosenberg para avaliação da autoestima de mulheres negras

TAINÁ SILVA ROCHA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

ROBERTA BOLZAN JAURIS

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Resumo: A autoestima é a percepção que se tem sobre si mesmo considerando suas potencialidades e limites, se conhecendo e respeitando o indivíduo que é, evidente que é uma construção influenciada por aspectos sociais, culturais e históricos, fortemente imbuído do ambiente que constitui as vivências. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo realizar um relato de experiência sobre a aplicação da escala de autoestima de Rosenberg a fim de conhecer e analisar o nível da autoestima de mulheres negras. A prática desta pesquisa foi desenvolvida na disciplina de TEP I (testes padronizados), pertencente aos componentes curriculares obrigatórios do curso de Bacharelado em Psicologia de uma Universidade pública da Bahia. Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado a Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR), aplicada em três mulheres negras com idade entre 20 e 40 anos que se disponibilizaram em participar da pesquisa de forma voluntária. A escala foi aplicada de forma individualizada em dias diferentes, ocorrendo no segundo semestre de 2022 na mesma cidade em que cada participante residia. Na análise percebeu-se que as participantes apresentaram autoestima alta, podendo se justificar por terem ou estarem no ensino superior, com vivências e esclarecimentos pertinentes a temáticas como direitos humanos, raça e gênero. Consideramos que tais resultados são importantes para a saúde mental de mulheres negras e identificamos limitações do estudo, podendo ser ampliado o número de participantes, bem como, trabalhar conceitos outros através de entrevistas.

6116

Palavras-chave: Autoestima. Mulheres Negras. Saúde Mental.

Abstract: Self-esteem is one's perception of oneself considering their potentialities and limitations, knowing and respecting the individual they are, evident that it is a construction influenced by social, cultural, and historical aspects, strongly imbued with the environment that constitutes experiences. In this sense, the present study aims to provide an experiential account of applying the Rosenberg Self-Esteem Scale to understand and analyze self-esteem among black women. The practice of this research was developed in the TEP I (standardized tests) discipline, belonging to the mandatory curriculum components of the Bachelor's degree in Psychology at a Public University in Bahia. For the research development, the Rosenberg Self-Esteem Scale (EAR) was used and applied to three Black women aged between 20 and 40 who volunteered to participate in the research. The scale was administered individually on different days, occurring in the second semester of 2022 in the same city where each participant resided. The analysis showed that the participants presented high self-esteem, which could be justified by their involvement or being in higher education, with experiences and clarifications relevant to themes such as human rights, race, and gender. We consider that such results are important for the mental health of Black women and identified limitations of the study, with the potential to expand the number of participants and work on other concepts through interviews.

Keywords: Self-esteem. Black Women. Mental Health.

Introdução

"Espelho, espelho meu, existe alguém mais bonita do que eu?" Este dilema reflete a busca contínua pela validação, reconhecimento e uma jornada na construção de um conceito sobre si mesmo na qual muitos se veem imersos desde a infância até a idade adulta. A autoestima é um fenômeno intrinsecamente ligado à construção social, sendo moldada e influenciada pelos ambientes nos quais a pessoa está inserida, como a família, a escola e outros espaços de socialização (Gareto *et al.*, 2023). A autoestima não tem um consenso quanto a sua definição, mas pode ser analisada como uma avaliação subjetiva, um constructo onde o sujeito julga a si mesmo, desenvolvendo o autoconhecimento, envolvendo não somente os sentimentos, mas aspectos cognitivos e de percepção.

Nesse sentido, é compreendido que a autoestima engloba um conjunto de sentimentos e reflexões que o indivíduo mantém a respeito de seu próprio valor, competência e adequação, manifestando-se em uma atitude de apreço ou desvalorização em relação a si mesmo (Rosenberg, 1965 *apud* Sbicigo, Bandeira e Dell'Aglio, 2010). Ainda é importante ressaltar que a autoestima exerce uma influência substancial na saúde mental do indivíduo, desempenhando não apenas o papel de um indicador dessa saúde, mas também atuando como uma ferramenta de prevenção de problemas psicológicos, como os relacionados ao humor depressivo (Gareto *et al.*, 2023).

Segundo Martins, Lima e Santos (2020), entende-se por saúde mental o conjunto de conexões entre elementos biológicos, psicológicos e sociais, cuja estabilidade está condicionada a um ajuste em constante mudança nas interações do indivíduo com o ambiente social. Isso significa que a saúde mental depende não apenas de fatores internos, como a biologia e aspectos psicológicos individuais, mas também das influências externas do meio social em que a pessoa está inserida, como a alimentação, a moradia, o emprego, entre outros.

A saúde mental é produto de múltiplas e complexas relações entre fatores biológicos, psicológicos e sociais, dependendo de um equilíbrio dinâmico nas interações do indivíduo com os outros, levando em consideração suas características orgânicas e os seus antecedentes pessoais e familiares.

Por conseguinte, em estudos provenientes da Psicologia Social sobre indivíduo e grupo social, se enfatiza que o indivíduo incorpora as ideias e atitudes manifestadas por figuras importantes em sua vida e na cultura, um estágio crucial para assimilar os fundamentos da construção da autoestima (Assis e Avanci, 2004). Assim, a autoestima pode ainda ser vista como um sentimento ou emoção influenciada pelas atitudes e valores sociais, além de ser considerado um atributo dinâmico que pode sofrer alterações (Assis e Avanci, 2004).

Nesse contexto, os padrões culturalmente estabelecidos de aceitação social fornecem um formato pelo qual as aspirações e ideais são moldados, influenciando a percepção que a pessoa tem de si mesma (Assis e Avanci, 2004). Esse processo é particularmente relevante na sociedade brasileira, onde as estruturas coloniais racistas moldaram profundamente a noção de aceitação social e os critérios de valorização pessoal. Através desses padrões enraizados historicamente, determinadas características como cor da pele e origem étnica, têm sido sistematicamente privilegiadas ou desvalorizadas, impactando diretamente na autoestima e no autoconceito dos indivíduos.

Assim, este relato de experiência tem como objetivo expor sobre a aplicação da escala de Rosenberg a fim de conhecer e analisar o nível da autoestima de mulheres negras. Esta aplicação surgiu como atividade de pesquisa e prática da disciplina TEP I (testes padronizados), componente curricular obrigatório do curso de bacharelado em Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. A prática foi composta por três mulheres negras, residentes do município de Vitória da Conquista - Bahia, sendo realizada no segundo semestre de 2022.

Racismo, autoestima e sociedade brasileira

“Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade” (Souza, 1983, p. 17), assim inicia a autora Neusa Santos Souza em seu livro *Torna-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Nessa obra, a autora busca construir um discurso sobre a experiência emocional de “ser-se negro em uma sociedade branca” (Souza, 1983, p. 17). Poderíamos analisar assim, que autoestima possui importante relação com o processo de autonomia de um sujeito. Nesse viés, no que tange com relação a uma pessoa negra a violência racial lhe impõe questões outras.

A análise da estrutura social brasileira revela a presença marcante e contínua do Estado colonialista, patriarcal e escravagista. Conforme aponta Ellison (2020), essa dinâmica histórica não se restringe ao passado distante, mas permeia de forma profunda e persistente o tecido social contemporâneo. Para o autor, tal influência não é apenas uma questão de retrospectiva histórica, mas uma realidade palpável e vivenciada por indivíduos negros no presente contexto. Essa perspectiva lança luz sobre a complexidade das relações raciais e sociais no Brasil, destacando a interconexão entre passado e presente na construção da identidade, autoestima e das experiências das pessoas negras no Brasil.

Em conformidade, Souza (1983) analisa que a maneira como as emoções das pessoas negras é moldada ao longo da história é entendida como um aspecto específico que está intrinsecamente ligado às influências mais amplas da sociedade escravista em que vivem. Ao longo do tempo, essas influências incluíram a visão colonialista que retratava os negros como inferiores e submissos em termos econômicos, políticos e sociais. Diante dessa perspectiva negativa, e sem uma concepção positiva de si mesmos, muitos negros se viram compelidos a adotar os valores e comportamentos dos brancos como modelo para sua própria identidade.

Nesse sentido, ao discutir as diferenças de gênero e sua relação com a autoestima, é importante considerar as complexidades enfrentadas por diferentes grupos dentro da sociedade brasileira. “A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar [...] e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior (Souza, 1983, p. 19). Por exemplo, estudos como o de Bleidorn *et al.* (2016 *apud* Silva e Montenegro, 2020) destacam os desafios enfrentados pelas mulheres devido a conflitos com padrões de autoimagem, que podem contribuir para índices mais baixos de autoestima. Além disso, ao examinar a realidade brasileira é crucial reconhecer que essas questões se interseccionam, com outros aspectos da identidade, como raça e classe social.

A interseccionalidade, entre raça, classe, gênero, sexualidade, habilidade e outros elementos identitários é um processo complexo, no qual esses eixos se entrelaçam e se sobrepõem em diversos contextos sociais, políticos e culturais. Esse fenômeno cria experiências singulares de opressão e privilégio para diferentes indivíduos e grupos, refletindo a complexidade das dinâmicas sociais e das relações de poder (Akotirene, 2015 *apud* Conceição *et al.*, 2023). Nesse contexto, a mulher negra enfrenta desafios adicionais, pois as formas de discriminação se sobrepõem, criando uma rede complexa de barreiras que afetam sua autoimagem e autoestima.

Consoante Collins (2015) a escravidão foi uma instituição que se caracterizou pela sua especificidade nas dimensões de raça, classe e gênero. Dessa forma, existindo diferenças estruturais marcantes entre as mulheres negras, essas diferenças podem ser analisadas e refletidas em diversos aspectos de sua vida, pessoais e psicológicos, bem como em relação a sua autoestima. A saúde mental é o resultado de interações complexas e multifacetadas entre fatores biológicos, psicológicos e sociais, necessitando de um equilíbrio dinâmico nas interações individuais com o ambiente, levando em conta tanto as características orgânicas quanto os antecedentes pessoais e familiares (Martins, Lima e Santos, 2020).

Ademais, ainda de acordo com Martins, Lima e Santos (2020) os estressores associados à discriminação racial podem influenciar a saúde mental por meio de diversas vias. Essas vias podem incluir, por exemplo, o estresse psicológico direto causado pela experiência de discriminação, a internalização de estereótipos negativos sobre o próprio grupo étnico, a falta de acesso a oportunidades e recursos devido à discriminação, entre outros. Nessa perspectiva, tanto a autoestima quanto a identidade racial podem ser objetos de investigação, visto que os elementos de autoavaliação e de avaliação por parte de terceiros interagem diretamente com a autoestima.

Escala de Autoestima de Rosenberg

No que diz respeito à mensuração da autoestima, tem sido comumente conduzida em escala global através da utilização da Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR). No Brasil, esse instrumento foi inicialmente adaptado e validado para pesquisa por Hutz, Zanon e Vazquez (2014). Conforme afirmado pelos autores, o instrumento em questão é unidimensional, possuindo a capacidade de categorizar os níveis de autoestima em elevada ou alta, média e baixa, como indicado por Assis e Avanci (2004), surgem então, considerações pertinentes acerca dos diferentes níveis de autoestima.

6120

A autoestima de um indivíduo, quando elevada, é marcada pela presença de sentimentos de confiança, valorização pessoal, senso de pertencimento e uma visão positiva de si mesmo em relação ao ambiente em que está inserido. Por outro lado, uma autoestima considerada média reflete uma ambivalência no sujeito quanto à sua adequação e inadequação diante da vida e do contexto social ao qual pertence.

Por fim, a baixa autoestima é caracterizada pela presença de uma autocrítica constante que leva o sujeito a perceber-se como inadequado e diminuído. Nesse contexto, ocorre uma subestimação de suas capacidades e uma tendência a internalizar aspectos negativos de sua própria identidade, o que pode resultar em dificuldades no enfrentamento de desafios, na interação social, e assim, em questões relacionadas à sua saúde mental.

De acordo com Trzerniewski et al. (2003 *apud* Sbicigo, Bandeira e Dell'aglio, 2010) a autoestima é reconhecida como um dos principais indicadores que antecipam resultados positivos tanto na adolescência quanto na fase adulta, acarretando consequências significativas em domínios como realização profissional, interações sociais e desempenho acadêmico. Destarte, observa-se a importância do estudo, pesquisa, análise e conhecimento sobre a

autoestima, uma vez que esta implica na vida e bem estar dos sujeitos, influenciando aspectos pessoais, psicológicos e emocionais.

Atualmente, a sociedade brasileira é caracterizada por disparidades significativas entre brancos e negros em termos de distribuição de oportunidades e acesso a recursos. Os indicadores sociais demonstram que a população negra enfrenta condições desfavoráveis em comparação aos brancos, com níveis mais baixos de educação e renda, menor acesso aos serviços de saúde e assistência social, habitações de qualidade inferior e ocupações profissionais menos privilegiadas. Essa disparidade revela uma estrutura social na qual os negros enfrentam obstáculos sistemáticos que limitam seu progresso e bem-estar em comparação com os brancos (Batista *et al.*, 2013 *apud* Oliveira e Kubiak, 2019).

De acordo com Santos (2023), citando os estudos da autora Grada Kilomba (2012), descreve que a percepção de que as mulheres negras ocupam uma posição única que desafia as normas convencionais de raça e gênero. Segundo a autora, elas são vistas como uma antítese à branquitude e à masculinidade, encontrando-se em uma esfera marginalizada que não se encaixa completamente nas categorias tradicionais de raça ou gênero. Em outras palavras, as mulheres não são brancas nem homens, mas sim negras e mulheres, desafiando assim as expectativas sociais e culturais dominantes.

Desse modo, quando abordamos especificamente a realidade brasileira, é evidente que as violações e violências coloniais legadas pelo passado tiveram impactos distintos sobre as mulheres negras, incluindo a persistência do racismo, cujos efeitos ressoam até os dias atuais. Nesse contexto, o presente estudo tem como propósito investigar e examinar a autoestima das mulheres negras, utilizando como instrumento de avaliação a Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR).

Metodologia

Para conhecer certos aspectos culturais e a realidade social de uma sociedade, que não são explicitados à superfície relacional, torna-se necessária uma vivência maior e mais aprofundada deste (Velho, 1981). Assim, a fim de entender e conhecer o aspecto subjetivo da autoestima, utilizou-se como método de investigação a pesquisa qualitativa com aplicação de escala.

Esta prática de pesquisa foi desenvolvida no segundo semestre do ano de 2022 na disciplina de TEP I (testes padronizados), sendo com componente curricular obrigatório do

curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *Campus* de Vitória da Conquista.

As participantes foram escolhidas com base no critério de disponibilidade e na relevância para os objetivos da pesquisa, resultando em uma amostra composta por três mulheres autodeclaradas negras¹, com idades de 22, 24 e 44 anos, respectivamente. Em termos de formação educacional, a primeira participante é graduanda, enquanto as duas restantes possuem ensino superior completo. O estudo foi conduzido nas residências das participantes, em um ambiente propício para a realização da aplicação da Escala de Autoestima de Rosenberg. Todas as participantes residem no município de Vitória da Conquista, localizado no interior do Estado da Bahia, na região econômica Sudoeste.

O instrumento utilizado foi a Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR), adaptada e validada para o contexto brasileiro (Hutz, Zanon e Vazquez, 2014). Esta escala é composta por dez afirmações destinadas a avaliar a autoestima global, representando o conjunto de pensamentos e sentimentos que os indivíduos têm a respeito de si mesmos. A interpretação dos resultados baseia-se no escore bruto, sendo analisado o percentil obtido em tabelas organizadas de acordo com faixa etária e nível de escolaridade dos participantes.

A autoestima foi avaliada e classificada de acordo com os seguintes critérios: baixa para pontuações entre 10 e 20 pontos, média para pontuações entre 20 e 30 pontos, e alta para pontuações entre 30 e 40 pontos, conforme descrito por Silva e Monteiro (2020). As respostas aos itens das questões foram registradas em uma escala do tipo *Likert*, permitindo uma variação nas respostas entre 1 (discordo totalmente), 2 (discordo), 3 (concordo) e 4 (concordo totalmente).

Existem quatro tabelas distintas destinadas à interpretação do escore bruto obtido na avaliação da autoestima. A primeira tabela refere-se às normas para faixas etárias de 10 a 12 anos e de 13 a 15 anos, abrangendo ambos os sexos. A segunda tabela contempla as normas para homens e mulheres na faixa etária de 16 a 19 anos, especificamente estudantes universitários. A terceira tabela aborda as normas para faixas etárias de 20 a 30 anos, também incluindo estudantes universitários, de ambos os sexos, com um total de 192 participantes (N=192) (Hutz, Zanon e Vazquez, 2014).

¹ O termo “autodeclaração” está previsto no art. 1º, inciso IV, do Estatuto da Igualdade Racial (Lei n. 12.288/2010), no art. 3º da lei de cotas do Ensino Superior (Lei n. 12.711/2012) e no art. 2º da lei de cotas no serviço público (Lei n. 12.990/2014). A autodeclaração refere-se à expressão pública da própria identidade por parte do sujeito, indo além de uma simples identificação subjetiva. Isso ocorre quando o indivíduo manifesta sua auto identificação para terceiros, declarando-a em algum contexto específico de sua vida. (Camilloto e Camilloto, 2022).

Por fim, a quarta tabela apresenta normas para a faixa etária de 18 a 50 anos, abrangendo ambos os sexos e contemplando indivíduos que não são estudantes, totalizando 492 participantes (N=492). Essas tabelas foram estabelecidas por Hutz, Zanon e Vazquez (2014). A interpretação dos resultados indica que quanto maior o escore obtido, maior é o nível da autoestima global do indivíduo avaliado.

Resultados e discussões

O estudo utilizou a Escala de Autoestima de Rosenberg (Hutz, Zanon e Vazquez, 2014) para analisar a autoestima de mulheres negras. Com relação à avaliação da autoestima das mulheres negras, a distribuição dos resultados obtidos através da aplicação da Escala de Autoestima de Rosenberg, obteve percentil 80 para a participante de 22 anos, percentil 75 para a participante de 24 anos e percentil 95 para a participante de 44 anos, utilizando as tabelas condizentes com estudantes universitários e a de não estudantes e conforme a faixa etária.

Portanto, pode-se notar uma similaridade nos resultados das participantes com idade por volta dos 20 anos, enquanto uma disparidade é evidente na participante de aproximadamente 40 anos. Além disso, observa-se ainda que as participantes da faixa etária de 20 anos apresentam nível médio superior de autoestima quanto ao escore bruto obtido, sendo 25 e 24, e a participante da faixa etária de 40 anos apresenta nível alto/superior de autoestima, registrando um escore bruto de 57 pontos. Dessa forma, foi possível inferir uma possível associação entre a idade e a escolaridade com a autoestima, considerando que as participantes possuem um nível de escolaridade superior à média brasileira².

Segundo Cardoso (2012), o indivíduo, ao possuir uma autoestima elevada, desfruta de uma disposição mental propícia à aquisição de conhecimento, manifestando um interesse mais aguçado por descobertas. Este estado de auto aceitação promove uma capacidade ampliada de enfrentar desafios e de satisfazer os próprios interesses. Nesse contexto, observa-se que a criatividade do sujeito tende a ser mais pronunciada à medida que sua autoestima aumenta. Assim, poderíamos ter como hipótese essa avaliação em relação aos níveis de autoestima obtidos na análise.

² Segundo o IBGEduca, no Brasil, em 2022, 53,2% das pessoas com 25 anos ou mais haviam concluído a educação básica obrigatória, ou seja, possuíam, no mínimo, o ensino médio completo. Enquanto isso, o percentual de pessoas na mesma faixa etária com ensino superior completo era de 19,2% no mesmo ano (IBGE, 2024).

Analisando as implicações da identidade e a autodeclaração étnico-racial das participantes com os resultados, diversas pesquisas têm indicado que as vivências de discriminação estão correlacionadas com a diminuição da autoestima. Segundo estudo de Martins, Lima e Santos (2020) no contexto da interseccionalidade entre as identidades racial e de gênero, análises apontam para a possibilidade de que essa intersecção desempenhe duplicidade de papéis. Por um lado, pode agir como um fator de risco, intensificando a percepção de vivências discriminatórias. Por outro lado, pode atuar como um fator de proteção, mitigando os efeitos negativos da discriminação na saúde mental das pessoas afetadas.

Nesse viés, a observação de que a participante da faixa etária de 40 anos apresentou um nível alto de autoestima, registrando um escore bruto de 57, e correlacionando o conceito de interseccionalidade entre identidades racial e de gênero, podemos inferir que o acúmulo ao longo da vida de experiências, de discriminação, autoaceitação, relação social e correlacionando com o nível de escolaridade, podem ter sido fatores de desenvolvimento de mecanismos que contribuíram para uma autoestima mais alta.

Entretanto, como limitação identificada neste estudo está a ausência de uma avaliação quanto ao estudo de identidade de racial, uma vez que poderíamos avaliar com maior especificidade a relação autoestima e o processo de identidade racial. Assim, a falta dessa análise específica impediu a investigação de resultados que demonstrassem associação entre as variáveis “autoestima” e “identidade racial autodeclarada”. Podemos avaliar ainda como limitação no estudo o tamanho reduzido da amostra, o que pode impossibilitar uma análise mais específica sobre a questão abordada.

6124

Considerações finais

A “passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como ato político”, diz Grada Kilomba (2019, p. 28) em seu livro *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. É relevante salientar o aspecto de autodeclaração racial das participantes, que ao se autodeclararem negras afirmam sobre si e o dizer sobre si é parte do processo de autoestima.

Nesse sentido, apesar do tamanho reduzido da amostra de participante, a presente análise revelou que a maioria das participantes exibiu um nível médio superior de autoestima, enquanto uma das participantes se destacou com um resultado mais elevado. Esses achados indicam uma variabilidade nos níveis de autoestima entre mulheres negras, ressaltando a

importância de considerar fatores individuais e contextuais na avaliação desse construto psicológico.

Indica-se que seria pertinente conduzir estudos comparativos que investiguem os níveis de autoestima em mulheres negras em relação a outras categorias sociais de identidade, levando em consideração a interseccionalidade, a fim de compreender melhor as nuances e particularidades dessa relação em diferentes contextos socioculturais.

Diante das limitações identificadas neste estudo e das questões emergentes suscitadas pelos resultados obtidos, torna-se imperativo realizar novas análises a fim de aprofundar a compreensão dos fatores que influenciam a autoestima das mulheres negras. Essas análises podem se beneficiar da utilização de outros instrumentos de análise, possibilitando uma abordagem mais abrangente e detalhada sobre essa temática complexa.

Além disso, é de fundamental importância promover estudos mais aprofundados que investiguem as interseções entre as questões raciais, sociais, gênero e a autoestima da mulher. Nesse viés, essa abordagem permitirá uma análise mais ampla das dinâmicas sociais e culturais que afetam a autoestima das mulheres negras, diante das problemáticas que se atravessam e relevâncias na construção de uma sociedade não racista e não sexista.

Referências

ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q. Uma bússola no labirinto: bases que formam e investigam a autoestima. In: Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e na adolescência. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. **Criança, Mulher e Saúde collection**, p. 25-48. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/vdywc/pdf/assis-9788575413333-03.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2022.

CAMILLOTO, Bruno; CAMILLOTO, Ludmilla. Comissões de Heteroidentificação Racial: Por Quem os Sinos Deveriam Dobrar? Educ. Soc., Campinas, v. 43, e254673, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/FZMQnFSDTZHYQDYFvVRPFzH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 30 mar. 2024

COLLINS, Patricia Hill. Em Direção A Uma Nova Visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: MORENO, Renata (org). **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF, 2015, p. 23-98. Disponível em: <<https://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2016/01/reflex%20b5esepaticasdetransforma%20a7%20a3ofeminista.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2022.

ELLISON, Ralph. **Homem invisível**. Tradução de Mauro Gama. 1ª ed. Rio de Janeiro: J.O, 2020.

GARRETO, Regina Guimarães et al. A construção da autoestima das mulheres negras: gênero, racismo e autoestima. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 8, n. 16, jul./dez. 2023. ISSN 2448-0738. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/26114/21864>>. Acesso em: 29 mar. 2024

HUTZ, C. S., ZANON, C. e VAZQUEZ, A. C. S. Escala de Autoestima de Rosenberg. In.: HUTZ, C. S. (Org.) **Avaliação em Psicologia Positiva**. Porto Alegre: Arned, 2014.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Educação. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>>. Acesso em: 31 mar. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantation**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Tafnes Varela; LIMA, Tiago Jessé Souza de; SANTOS, Walberto Silva. O efeito das microagressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 7, p. 2793-2802, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/csc/2020.v25n7/2793-2802/pt> >. Acesso em: 26 mai. 2022.

OLIVEIRA, Beatriz Muccini Costa; KUBIAK, Fabiana. Racismo institucional e a saúde da mulher negra: uma análise da produção científica brasileira. **Saúde em Debate** [online]. v. 43, n. 122, p. 939-948, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-1104201912222>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

6126

SBICIGO, Juliana Burges; BANDEIRA, Denise Ruschel; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. **Psico-USF**, v. 15, n. 3, p. 395-403, set./dez, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusf/a/QmW8Jr3cNcfvXW5XKMbt5jN/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2022.

SANTOS, Gabrielle Christine et al. Impacto do Racismo nas Vivências de Mulheres Negras Brasileiras: Um Estudo Fenomenológico. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. v. 43, e249674, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003249674>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

SILVA, M.N; MONTEIRO, J.C.S. Avaliação da autoestima de jovens universitárias segundo critério raça/cor. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, 28:e3362, p. 1-8, 2020. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rlae/a/kNzH46TMDbrtTtd5D4cHtGh/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 26 mai. 2022.

CONCEIÇÃO, A. F. Soares; GONÇALVES, J. E. Santos; SANTOS, N. Y. Brandão. Racismo e autoestima da mulher negra universitária. **Revista Formadores**, [S. l.], v. 16, n. 3, 2023. DOI: 10.25194/rf.v16i3.1736. Disponível em: <https://adventista.emnuvens.com.br/formadores/article/view/1736>. Acesso em: 28 mar. 2024.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1983.

VELHO, G. Observando o familiar. In: _____. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 123-131.

Autor 1:



Tainá Silva Rocha
Bacharelanda e Licencianda em Psicologia - UESB. Extensionista no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Prisões, Violência e Direitos Humanos - NEPP (UESB)
Email: stainarocha@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7960389036822308>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-4250-9013>

Autor 2:



Roberta Bolzan Jauris
Psicóloga e Pedagoga. Doutoranda PPGEn - UESB. Mestre em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC – UNEB). Professora Assistente da UESB. Coordenadora linha 2 do NUPEP – UESB). Participante dos grupos Neurônia (UFBA) e GEPIETEC (UNEB).
Email: roberta.jauris@uesb.edu.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4219059581754974>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6134-8153>